

A comunicação não verbal na oralidade da prática docente – ensino, aprendizagem e uso didático

José Esteves Rei¹

Introdução

Os conteúdos curriculares atribuem um espaço cada vez maior à comunicação, recebendo esta já uma parte da avaliação em línguas, o que decorre da importância que ela adquiriu na sociedade atual, dentro das empresas, instituições e organizações, com destaque para as escolas e as famílias. Todavia, para realizar uma comunicação é indispensável o recurso a linguagens – verbal, não verbal, simbólica... – as quais diferenciam outras tantas comunicações. A partir desta realidade, importa perguntar: Que espaço recebe cada uma dessas linguagens nos programas escolares? Como se organiza neles o seu estudo? Que formação recebem os professores para a comunicação eficaz?

Explicita-se, também, a evidência de que o uso de uma linguagem e correspondente comunicação pressupõe a existência de uma mensagem a veicular. Tenha-se presente, ainda, a essência da escola no acesso a aprendizagens, indispensáveis à vida em sociedade e situadas para além do ambiente familiar. Entre tais aprendizagens, situam-se a linguagem e a comunicação *não verbais*. Opondo-se às correspondentes *verbais*, que relação estabelecem a linguagem e a comunicação *não verbais* com as linguagens simbólicas da política, da religião, da empresa, do poder? É-nos solicitado destacar o domínio da *comunicação não verbal* na oralidade. Assim faremos após breve enquadramento e a observação de alguns casos ilustrativos da mesma.

Na elaboração deste artigo, recorreremos à disposição do conteúdo sob a forma de quadro, em alternativa à expressão discursiva, para relevar relações conceptuais subjacentes ao texto, facilitando a leitura e enfatizando as ideias presentes. Pois, na expressão de Bourdieu (1980), “os esquemas, os diagramas, as sinopses, as árvores, os quadros de dupla entrada, permitem tirar partido de modo eficaz da sua capacidade de exporem perante os nossos olhos as relações e os elos sistemáticos, difíceis de desmontar no encadeamento do discurso” (p. 140-141). Dessa forma, emergem vários tipos de relações, subjacentes a diferentes divisões e subdivisões que o observador relewa no xadrez gráfico e sistémico, não passando despercebidas na simultaneidade do pensamento discursivo. Ainda, relacionamos, pontualmente, a comunicação não verbal com conteúdos e métodos como forma de relevar a sua presença nas didáticas específicas.

I – PARTE – Indutivo-reflexiva: a comunicação não verbal no espaço e no tempo

1.1. Entre a oralidade e a escrita, o não verbal – ontem e hoje, em privado e em público

A *comunicação não verbal* é anterior ao acesso à palavra, isto é, à *comunicação verbal*: a) no indivíduo – em criança e em adulto, na intimidade ou no infortúnio; b) nas comunidades – desde as primitivas às da idade moderna, como se observa nas trocas culturais e comerciais das grandes viagens, nos séculos XV e XVI; c) nas instituições – como se regista no surgimento do Estado.

Este último abandonou, a partir dos séculos XVII e XVIII, uma governação de proximidade, exercida por “homens bons” ou “vizinhos honrados” (Hespanha, 1986, p. 35-51), na qual *tudo se resolvia oralmente pela palavra, pelo diálogo e pelo gesto*. O Estado moderno e a empresa tayloriana de finais de oitocentos e início de novecentos adotaram um modelo racional, associado ao culto da razão; com ele alcançaram grande

¹ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

eficácia na criação de dezenas de milhões de empregos, na modernização da sociedade e, após a II Guerra Mundial, na dinamização das economias nacionais (Lehnisch, 2003, p. 84). Esse racionalismo organizacional, em termos comunicacionais, coloca de um lado *os que pensam e comunicam o seu pensamento*, em geral, por escrito, do outro *os que o aplicam no terreno*. Os primeiros coincidem com as chefias, de topo ou intermédias, que *têm acesso à palavra oral*, sobretudo, para transmitirem e interpretarem a comunicação escrita.

Esta evolução do acesso à comunicação, oral e escrita, pelo indivíduo e pelas instituições, não apagou a eloquência da comunicação não verbal, desde os tempos míticos até à atualidade.

1. Um caso clássico de *eloquência da comunicação não verbal* – mensagem das mulheres troianas aos maridos: “queremos morar aqui”.

Incêndio, carícias e comunicação...

Tomada Troia pelos gregos, alguns dos habitantes fogem em barcos que os ventos levam à foz do rio Tibre, perto de Roma. Enquanto os maridos fazem o reconhecimento da costa, as mulheres decidem lançar fogo às embarcações, cansadas de andar no mar. Aqueles ficam desalentados, perante os barcos em chamas, mas a necessidade leva-os a estabelecer boas relações com os naturais do lugar, que os recebem bem. Diz-se que vem daí o hábito de suas mulheres acariciarem os maridos como os deuses por medo e para esquecimento da zanga – hábito que as mulheres locais copiaram.

(Plutarco, 1979, Vol. I, p. 27, adaptado)

Reflexão didática 1: Toda a comunicação tem um público-alvo, visado eficazmente.

A comunicação *não verbal*, aparentemente, tem um público-alvo subliminar, por oposição à comunicação *verbal*, cuja presença pode ser física e síncrona ou a distância e assíncrona. Em ambas, o público-alvo pode ter limitações no acesso à mensagem, havendo então recurso à linguagem verbal, tanto pelo recetor como pelo emissor. A verdade é que, quando bem concebido e concretizado, o contexto da comunicação envolve sempre o recetor, que não tem possibilidade de fuga ao *ethos* do emissor.

A força expressiva deste *ethos* passa também pela linguagem *não verbal*, que se torna indispensável à corporização da “palavra” comunicada que tem como contraponto o *pathos* do recetor da mensagem. No trânsito desta do *ethos* ao *pathos*, ela é suportada na *linguagem verbal* pelo *signo linguístico*, que Saussure define como a união entre uma imagem acústica e um conceito, quer dizer, um significante e um significado; na *linguagem não verbal*, o seu suporte é o *símbolo*, definido como palavra, imagem ou objeto, convocados para designar outro objeto, outra imagem, outra palavra, quer dizer, uma mensagem diferente.

2. Um caso recente de *eloquência da comunicação não verbal* – Mensagem de Janja Silva, esposa de Lula da Siva, às mulheres brasileiras: “empoderemo-nos.”

A PODEROSA MENSAGEM POR TRÁS DO LOOK DE JANJA DA SILVA

Não foi apenas Lula da Silva a captar a atenção dos fotógrafos na sua cerimónia de tomada de posse da presidência do Brasil, que aconteceu ontem, 1 de janeiro. Janja da Silva, a mulher do presidente do Brasil, também esteve no centro dos holofotes, e pelos melhores motivos.

Por Ana Filipa Damião

“Para a ocasião, Janja da Silva, como é conhecida, optou por um *look* diferente do habitual no que toca a primeiras-damas. Trocou os vestidos por um *conjunto de fato cor de champanhe* [s.n.] da designer Helô Rocha, cujos bordados foram feitos em parceria com bordadeiras do nordeste do país. Uma escolha que privilegia sem dúvida a Moda nacional. “Querida vestir algo que tivesse simbolismo para o Brasil, para os estilistas, para as cooperativas e para as mulheres brasileiras”, afirmou a mulher de Lula numa entrevista à *Vogue Brasil*.

O conjunto elegante, constituído por calças largas, colete e blazer, é também um símbolo de poder feminino, dado que *era proibido a mulher usar calças no Senado até 1997* [s.n.]. ‘Primeiras-damas são esperadas para ser bonecas e a Janja quando coloca a calça quebra o paradigma’, disse a *stylist* Thais Farage à *CNN Brasil*.

Rosângela da Silva optou por usar um fato cor de champanhe com bordados para a cerimónia de tomada de posse do marido Lula da Silva, o novo presidente do Brasil. ‘Ela inova vestindo conjunto de pantalon e blazer, em vez dos tradicionais vestidos formais de primeiras-damas em posses presidenciais. Reafirma a vontade de, através da Moda, valorizar o artesanato e a cultura nacional’, disse por sua vez Paula Acioli, especialista em Moda, ao site brasileiro *O Globo*. ‘Os simbolismos do traje parecem estar presentes em muitos elementos: desde a cor escolhida, que remete ao solo de muitas regiões do Nordeste brasileiro, ao contraste dos bordados de palha em tecido nobre como a seda. O fato coloca-a no *mesmo patamar de Lula* [s.n.] e não um degrau abaixo. Maquilhagem *clean* e um apanhado de cabelo minimalista completaram o *look*.’

Recorde-se que o *vestido de casamento* [s.n.] da mulher de 56 anos foi também da autoria de Helô Rocha, cujos bordados foram igualmente realizados pela comunidade feminina do município de Timbaúba dos Batistas.”

(Ana Filipa Damião, 2023)

3. Um caso histórico e autêntico de “*eloquência da comunicação não verbal*” – a *vista, o ouvido e o gesto*: atitudes e comportamento

“[...] eram ali XVIII a XX homens [...]. Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicolau Coelho lhes faz *senal* para que [de]pussem os arcos e eles os [de]puseram. Ali *não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse* [s.n.].

Não há “comunicação” nem entendimento.

O capitão estava assentado em uma cadeira e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um colar de ouro mui grande ao pescoço. [...] *Acenderam tochas e entraram e não fizeram nenhuma menção de cortesia, nem de falar ao capitão nem a ninguém, pero um deles pôs olho no colar do capitão e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro, e também viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como que os havia aí. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram dele menção. Mostraram-lhes uma galinha: quase haviam medo dela e não queriam poer a mão, e depois a tomaram como espantados. [...].*

Há “comunicação” não verbal; há troca de objetos com mensagens entre os interlocutores.

<p><i>Viu um deles umas contas de rosário brancas, acenou que lhas dessem e folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para a terra e então para as contas e para o colar do capitão, como que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamo-nos assim por o desejarmos. Mas, se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lho não havíamos de dar.”</i></p>	<p>Há uma “comunicação”, mas com mensagem incerta ou insegura.</p>
---	--

(Zurara, 2018 pp. 375-376, 377-379, 381)

Reflexão didática 2: Das linguagens – não verbal e verbal – algumas observações

A tripla natureza da *linguagem não verbal*

<p><i>A – Substitutiva</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Chega onde a linguagem verbal não vai; - É usada por falantes sem uma língua comum, isto é, sem acesso à partilha da comunicação verbal; - É usada numa situação de violência, ou seja, quando estão esgotadas as formas de entendimento ou comunicação verbais; - É usada em situações de comunicação muito próxima ou íntima, onde é dispensada a palavra e se realiza uma comunicação pelo silêncio e pela simples presença física: porque a formalidade da linguagem verbal afasta as pessoas e dificulta a transmissão de sentimentos (tristeza, dor, pêsames... mas também alegria, exaltação, êxtase...) ou porque pode criar equívocos e interpretações desviantes (no amor, no respeito, na proteção e na estima...).
<p><i>A1 – Redutora e imprecisa</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - É usada em situação de conhecimento limitado da língua comum entre os falantes; - É utilizada em situação de cansaço físico e mental; - É tomada como recurso para aumentar a persuasão; - Conduz a uma comunicação incerta ou insegura; - Carece, por vezes, de um esclarecimento através da comunicação verbal.
<p><i>B – Redundante e concomitante</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - É usada na ênfase ou em sublinhados; - Visa a carícia ou a ternura para com o interlocutor; - Revela-se como ato falhado ou não controlado.
<p><i>C – Contraditória</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Há casos em que o emissor diz uma coisa verbalmente e o seu contrário gestualmente, levando à incompreensão ou à não comunicação por parte do recetor.

As formas de comunicação não verbal são de grande utilidade pedagógico-didática, dentro e fora da sala de aula, pois: (i) apelam ao concreto e ao sensível; (ii) são elementos facilitadores da compreensão, nos métodos de ensino-aprendizagem, indutivo ou dedutivo, analógico ou intuitivo; (iii) são instrumentos de desambiguidade de termos, conceitos e expressões.

1.2. A comunicação não verbal – da antiguidade clássica às artes da palavra nos séculos XIX e XX

Aristóteles, na *Retórica* (2005, p. 241-242), parte da máxima, “não basta possuir o que é preciso dizer, mas torna-se forçoso expor o assunto de forma convincente”. Afirma que “a pronúncia fez a sua entrada na

retórica muito tarde [...] e assenta na voz, havendo três aspetos a observar: volume, harmonia e ritmo”. Todavia, “Nenhum tratado foi composto sobre a temática [...] e quando devidamente examinada, parece assunto vulgar.” Esta vulgaridade aparente decorre da sua presença nos géneros teatrais, dramáticos e cómicos, da florescente arte de representar em cena e da literatura subjacente, cujo símbolo superior é a máscara grega.

Esta veicula muitas significações, conforme as culturas e os espaços sociais de origem, que, hoje explícita ou implicitamente, estão presentes na *comunicação não verbal*. Vejamos.

1. O *mistério*, para além das máscaras:
 - a) As máscaras, inicialmente, simbolizavam os seres sobrenaturais e os antepassados;
 - b) Estavam ligadas à representação em rituais primitivos e ao exercício de algum misterioso poder;
 - c) Eram muito usadas em interpretações com tons de mistérios – em especial, pela igreja, para intensificar seus dogmas; e em festas profanas para divertir;
 - d) Na Grécia, caracterizavam sentimentos e emoções exageradas, de reconhecimento universal.
2. As *funções* das máscaras em cena, no tempo e no espaço:
 - a) No oriente, encobriam a identidade dos intérpretes, ficando expostos apenas olhos e bocas;
 - b) No teatro grego, também representavam personagens femininos, pois as mulheres não atuavam;
 - c) Em Roma, o conceito de máscara era denominado por “*persona*”, para sublinhar uma das suas funções, que era amplificar a voz, servir de megafone, permitindo a audição pelos espetadores, ao ar livre: i) derivando a palavra de “*per-sonare*” ou “soar através de”, ii) e designavam, por extensão, um papel social interpretado por um ator; aí, para exprimir a diversidade de sentimentos e emoções, as personagens chegavam a usar mais do que uma máscara, de acordo com as cenas em que entravam.
3. A máscara, nova identidade:
 - a) Ela forma a personalidade que o indivíduo desenvolve e exhibe ao mundo;
 - b) Permite identificar toda a atividade social como uma representação de papéis;
 - c) Simbolicamente, passa a ser a própria identidade ou a percepção de si mesmo.

Encontramos um pouco de tudo isto nas comunicações, judicial, política, cénica, publicitária, didática, militar e outras, para as quais a *comunicação não verbal* é um instrumento adjuvante da sua eficácia. A título de exemplos lembremos como o *carácter do orador*, na retórica milenar, e a *imagem* de um candidato, em campanha eleitoral, são determinantes para a eficácia da sua comunicação. O primeiro está presente na impressão que um orador transmite pelo aspeto físico, deixando a ideia, desde o primeiro contacto, de que é, ou não, boa pessoa, confiável e credível. A segunda concretiza-se, por exemplo, quando o jovem candidato é aconselhado pelos consultores de *marketing* político, a embranquecer o cabelo dos lados e a retirá-lo da testa com fixador. Desse modo, aumentará a credibilidade eleitoral, aparentando maior maturidade para as futuras tarefas.

II – PARTE – Dedutivo-pragmática: a comunicação não verbal na prática docente

Reflexão didática 3: Qual o impacto da comunicação não verbal?

“O verdadeiro significado das nossas palavras é expresso através do tom de voz, da nossa linguagem corporal e da paralinguagem – combinação de sinais que damos quando falamos, excluindo as próprias palavras. Curiosamente: 55% do impacto da apresentação é feito pela nossa linguagem corporal, gestos e contacto visual; 38% pelo tom de voz; 7% pelo verdadeiro conteúdo da apresentação.” (Ribeiro, 1998, p. 14 -16)

“As *palavras* são importantes, todavia, a forma como elas são *apresentadas* e a expressão corporal que as acompanha transformam-nas *em magia*. Mas o homem exagerou a importância da palavra, como se esta constituísse o todo comunicacional [...]”. (Rei, 2013, p. 17)

2.1. O estudo da comunicação não verbal – uma mais-valia na sala de aula

As didáticas específicas têm divulgado a ideia do *professor ator* quer acentuando a dimensão lúdica da aprendizagem quer recorrendo a métodos de ensino-aprendizagem que utilizam a encenação ou teatralização para maior eficácia. É o caso do método direto e seus recursos no ensino de línguas estrangeiras, cujas estratégias influenciaram o ensino-aprendizagem da língua materna e até o de outras disciplinas.

Secularmente, predominou a osmose escola => sociedade, em termos lúdicos, quando os estudantes transformavam os exercícios da aula de retórica em jogos de salão, nos serões palacianos e, ainda hoje, muitas formas de entretenimento televisivo, têm situações escolares na sua origem. Todavia, existe também a osmose sociedade => escola, de que é exemplo, nos colégios renascentistas, a divisão da turma em dois exércitos, organizados hierarquicamente, iniciando-se a interrogação escolar pelos menos conhecedores das matérias, ascendendo às patentes superiores, constituídas pelos mais sabedores das mesmas, que recebiam as perguntas não respondidas ou de maior dificuldade. Hoje essa influência do exterior sobre o interior da escola é ainda maior, materializada em métodos, que decalam jogos e situações dos meios audiovisuais, e em objetivos de aprendizagens e finalidades das próprias escolas, que procuram responder a solicitações da sociedade.

Deste modo e no que respeita à *comunicação não verbal*, é natural que a sua observação e o desenvolvimento do seu estudo na sociedade, possam trazer mais-valias para a docência, para a preparação final dos estudantes e para as finalidades educativas – num tempo apelidado de comunicação. Esse conhecimento é duplamente valioso, por permitir a melhoria da emissão e da receção de mensagens não verbais, no âmbito da relação pedagógica. No caso concreto das disciplinas de línguas, essa mais-valia representará ainda um contributo na abordagem do texto dramático, na eventual representação cénica do texto narrativo e na compreensão e interpretação deste último, o qual reflete a vida em sociedade, em diferentes tempos, lugares e culturas. Por fim, essa mais-valia comunicativa não verbal pode refletir-se na vida da própria comunidade educativa, que a escola constitui, e, da qual, o seu quotidiano muito pode beneficiar.

4. Um caso de linguagem não verbal – variações de comunicação / interpretação

Não se pode ir à aula de pijama? Escolas criam regras de etiqueta mas há quem esteja contra

“Algumas escolas públicas e privadas criaram regras de etiqueta para prevenir abusos do ano letivo passado.

Pedro Almeida

Um guia de regras de etiqueta criado para o ensino *online*, que está a circular nas redes sociais e indica as normas que devem ser respeitadas durante as aulas por videoconferência nas várias disciplinas, tem levantado questões por parte de pais e encarregados de educação neste regresso ao ensino à distância. A primeira norma originou, desde logo, alguma polémica, uma vez que é pedido que se use ‘roupa adequada’ para assistir às aulas e não o ‘pijama’ ou uma ‘roupa que não usarias na escola’ – até mesmo estar em ‘tronco nu’. Alguns pais insurgiram-se contra esta medida e criticam o facto de haver regras de etiqueta quando as crianças estão em casa. ‘Os meus vão de pijama, sim, e se não gostarem que desliguem a câmara’, disse uma mãe, no Facebook. E outra acrescentou: ‘Não a vou obrigar a vestir-se para estar em casa. Não está nua nem suja, é o que interessa’, escreveu. Segundo o [jornal] i apurou, algumas escolas públicas e privadas criaram estas regras de etiqueta para prevenir abusos do ano letivo passado. Não existe no entanto um código de conduta nacional.”

(Almeida, 2023)

2.2. Traços marcantes da comunicação não verbal: práticas abrangentes e específicas

A abordagem da comunicação humana “tem dedicado mais atenção ao estudo da fala do que ao desenvolvimento e origem das condutas não verbais”. (Knapp, 1992, p. 65) Subdivide-a, porém, em *verbal* e *não verbal*, embora pouco se detenha neste facto e suas consequências. A segunda recebeu alguma atenção apenas nas últimas décadas, sendo os resultados do seu estudo pouco divulgados e de reduzido investimento profissional. Os dois manuais aqui bordejados pretendem delimitar o espaço curricular da disciplina.

Reflexão didática 4: Definição – comunicação não verbal

É “um novo campo de estudo e um novo nível de análise das interações humanas”, recolhendo “expressões que vão desde a gestualidade, à expressão do rosto e ao olhar, a atitude, a postura, o aspeto exterior, os movimentos do corpo e o uso do espaço até aos aspetos não verbais que acompanhem a linguagem oral.” (Cáceres, 2003, p. 137) Em síntese, engloba tudo o que não é verbal, mas está sujeito a processos de codificação e descodificação possuindo, assim, significado para os usuários.

Tenha-se presente, porém, que ambas – a comunicação *verbal* e a *não verbal* – constituem um *sistema global único*, cujo sentido apela à inter-relação e concomitância entre elas, sob várias formas. O conhecimento destas será de grande utilidade para o professor, na *relação pedagógica* e no *relacionamento com colegas, funcionários não docentes e pais*:

<i>Funções da comunicação não verbal</i>	<i>Exemplos</i>
<i>Repetição</i>	Negar verbalmente, incorporando o gesto de negação com a cabeça.
<i>Contradição</i>	Saudar amavelmente, mas sem levantar os olhos do que se está a fazer sobre a mesa.
<i>Substituição</i>	Apresentar um rosto radiante de alegria, o que dispensa qualquer palavra sobre o assunto.
<i>Complemento</i>	Precisar o sentido da conversação pelo contexto e pelo tom com que se pronunciam as palavras.
<i>Ênfase</i>	Sublinhar, com um gesto ou um movimento da cabeça, o que pode ser mais eficaz do que uma repetição.
<i>Função fática</i>	Dizer ao interlocutor, pelo contacto visual, que os canais de comunicação estão abertos e a interação pode continuar.

(Cáceres, 2003, p. 138-139, adaptado)

No estudo da *comunicação não verbal*, presta-se particular atenção à expressão das emoções veiculadas, à explicação destas enquanto formas de transmitir informação sobre as pessoas e as situações e ao modo como se realiza o reconhecimento dessa expressão emocional pelos outros. (Cáceres, 2003, p. 143) Há autores que colocam a sua origem e a sua função em comparação com outras formas de comunicação, sob a síntese seguinte:

Características da comunicação não verbal	Descrição
É considerada uma <i>linguagem de relação</i>	Baseia-se em atitudes, sensações e apreciações sobre o outro: indica o estado das relações com ele.
É considerada um meio de <i>expressão das emoções</i>	É mesmo a via ideal para isso: porque é mais fácil, é mais eloquente, pela preponderância do não verbal sobre o verbal, na criança, e pela sua importância na formação da personalidade.
Adquire um <i>valor simbólico</i>	Através dela apresenta-se o <i>eu</i> aos outros: oferece ao ator a imagem que pretende dar de si; e, na vida real, há psicólogos a defender que ela permite aceder ao carácter do indivíduo.

(Cáceres, 2003, p. 152, adaptado)

São várias as *tipologias de sinais da comunicação verbal*, refere-se aqui a de Argyle (como citado em Cáceres, 2003, p. 156-157), que os classifica em dez tipos:

Tipos de sinais verbais	Descrição
<i>Elementos não linguísticos da paralinguagem</i>	Qualidade da voz, tom, velocidade e ritmo do discurso, pausas, silêncios, etc.
<i>Expressões do rosto</i>	Alterações produzidas na boca, olhos, sobrancelhas, etc.
<i>Olhar</i>	Elemento destacado do rosto: olhar furtivo, olhar aberto, de soslaio, esquivo, etc. e todas as formas de contacto visual.
<i>Gestos com as mãos</i>	Movimentos das mãos, voluntários e, por vezes, involuntários.
<i>Gestos com a cabeça</i>	Movimentos da cabeça que reforçam a interação e sinalizam a sincronização da conversação.
<i>Posturas</i>	Movimentos do corpo que indicam atitudes sociais ou estados emocionais.
<i>Contacto corporal</i>	Contacto físico que transmite proximidade psicológica e intimidade ou, em certos casos, agressividade.
<i>Proximidade física</i>	Distância que os sujeitos mantêm em todos os tipos de interação.
<i>Orientação</i>	Posição do corpo em relação ao interlocutor e que indica distintas atitudes.
<i>Aspetto exterior</i>	Elementos que intervêm na aparência pessoal e na imagem que mostra o sujeito: roupa, maquilhagem, joias, penteado, etc.

(Argyle, como citado em Cáceres, 2003, p. 156-157, adaptado)

2.3. O corpo que fala

O corpo humano é dotado de inúmeras capacidades expressivas que enriquecem a comunicação não verbal e das quais destacamos as relacionadas com a *cinésica*, definida pelos dicionários como “parte da semiótica que estuda os movimentos e processos corporais que formam um código de comunicação” (Houaiss); os tratados ligam-na a modificações corporais como “posturas, gestos, acenos, movimentos e ritmos de partes do corpo na interação verbal, etc.” (Cáceres, 2003, p. 193) e outras, advindas do vestuário, adornos, maquilhagem, penteado, etc.

Os estudiosos descobriram que o corpo não está imóvel durante a interação, antes, *baila* ao ritmo do discurso, começando esta sincronia comunicativa bem antes do nascimento. E, ainda, “quando dois sujeitos se comunicam por meio da linguagem verbal, existe uma mútua sincronização dos seus movimentos” (Cáceres, 2003, p. 194), comunicando pela palavra e pelo ritmo, pela mente e pelo físico. Por exemplo, numa despedida, usamos uma saudação e determinados gestos. Como podemos observar, “é praticamente impossível comunicar sem utilizar algum tipo de gesto que acompanhe as palavras”. (Cáceres, 2003, p. 195)

Os *movimentos das mãos*, combinados com o braço e a versatilidade dos dedos, “permitem aceder a 700.000 signos” (Cáceres, 2003, p. 199) ou sinais portadores de significado, na comunicação. Mais, a economia e a rapidez na sua execução permitem executá-los com mais agilidade que a linguagem verbal, o que conduziu à substituição das palavras como acontece no caso da língua gestual.

Na *cabeça*, com destaque para o *rosto* e neste para os *olhos*, parece encontrar-se a fonte principal da comunicação não verbal, pela sua capacidade expressiva e pela sua visibilidade, oferecendo, assim, muita informação sobre o indivíduo. Refletem isso frases como: “Os olhos são o espelho da alma.”; “Ter cara de poucos amigos.”; “Pela aragem se vê quem vai na carruagem!” Aos professores, convém prestar particular atenção a algumas funções cumpridas por esses elementos na interação:

<i>Cabeça, rosto e olhos, funções especiais</i>	<i>Descrição</i>
<i>Controlar os canais de comunicação</i>	O sorriso, o sobrolho, o piscar de olhos, o torcer o nariz... indicam a predisposição para iniciar, interromper ou continuar a comunicação.
<i>Completar ou qualificar</i>	Os movimentos do rosto servem para enfatizar, minimizar, apoiar, sublinhar, etc. as palavras pronunciadas: o sorriso pode suavizar a mensagem, que poderia parecer demasiado brusca.
<i>Substituir a comunicação verbal</i>	Os gestos faciais podem surgir no lugar de falas ou contradizer o conteúdo verbal da comunicação.

(Cáceres, 2003, p. 200, adaptado)

Todos identificamos, facilmente, as expressões do *rosto* reveladoras de:

Surpresa – pelas sobrancelhas levantadas, os olhos abertos, as rugas horizontais, as pálpebras abertas e o queixo caído.

Medo – pelas sobrancelhas contraídas, rugas ao centro da testa, boca aberta, numa expressão breve que tende para a tristeza ou a alegria.

Desgosto – pelo lábio superior levantado, nariz contraído, bochechas levantadas, pálpebras tendencialmente fechadas e sobrancelhas baixas.

Cólera – pelas pálpebras tensas, olhar duro e olhos proeminentes, boca meia fechada e tensa, pupilas dilatadas ou contraídas, narinas dilatadas e trémulas, rosto roxo ou pálido e, por vezes, mostrando os dentes.

Felicidade – pelos cantos da boca para trás, boca aberta ou não, mostrando ou não os dentes, cara alargada, olhos brilhantes e cor da cara viva. (Cáceres, 2003, p. 200)

O estudo do uso e gestão do espaço pelo homem foi denominado *proxémica* por Edward Hall (1972), reportando-se aos processos pelos quais se criam as distâncias entre as pessoas e como os indivíduos reagem perante as mesmas. O autor partilha com os membros da Escola de Palo Alto o pressuposto de que “uma cultura funciona como um sistema composto por múltiplos códigos, suscetíveis de serem decompostos e analisados” (Cáceres, 2003, p. 237). Um deles seria o código do espaço, considerado uma espécie de *linguagem silenciosa*. Cada cultura encara o espaço com um significado distinto, caracterizando-se as *culturas em de contacto* ou *de não contacto*, conforme as distâncias entre os interlocutores. (Cáceres, 2003, p. 239)

<i>Tipos de culturas</i>	<i>Descrição</i>
<i>De contacto</i>	Aquelas em que os indivíduos, ao comunicarem, se tocam, se enfrentam mais diretamente, se olham mais olhos nos olhos, interagem mais próximos e falam mais alto do que entre os de uma cultura de não contacto; => nelas se incluem os povos sul-americanos, os árabes e os europeus mediterrâneos.
<i>De não contacto</i>	Aquelas onde se guarda maior distância nas interações; => abarcam os povos asiáticos, norte-americanos e europeus nórdicos.

(Cáceres, 2003, p. 239, adaptado)

Todavia, encontra-se padronizado o *uso das distâncias na interação*, pois a distância a que os interlocutores se colocam comunica alguma coisa entre si. E. Hall (1971) elaborou uma escala de distâncias, apropriada para cada interação no contexto norte-americano:

<i>Denominação</i>	<i>Distância</i>	<i>Significado de uso</i>
Zona íntima	toque - 45 cm	“Está reservada às pessoas que nos são muito familiares e é muito preservada. É a zona dos segredos e dos cochichos.” Quem indevidamente a invade é considerado um intruso e, em geral, é repellido com agressividade.
Zona pessoal	45 cm - 120 cm	“É a <i>distância</i> a que <i>dois amigos</i> falam entre si. É zona da <i>convivialidade</i> , na qual se comunica mutuamente e nada há a temer. Quando os dois <i>a abrem</i> , pode nela entrar um <i>terceiro</i> que assim é <i>introduzido</i> na conversação.” Pelo contrário, se falam <i>face a face</i> é difícil entrar na conversação e torna-se uma <i>zona fechada</i> .
Zona social	120 cm - 360 cm	É a zona de <i>contacto</i> habitual <i>entre dois desconhecidos</i> , que podem mesmo dar um <i>aperto de mão</i> . “É a distância da negociação, da entrevista televisiva, do diálogo laboral,

Denominação	Distância	Significado de uso
		por vezes com uma mesa de escritório entre os interlocutores.”
Zona pública	360 cm - ou mais	“É a zona dos discursos, das exposições orais, da tomada da palavra em público, dos debates. Nela a comunicação é difícil e as trocas comunicacionais pouco pessoais.” A mensagem é, assim, descendente e está ligada às relações hierárquicas. É difícil nela controlar a passagem da mensagem.

(Martin, 1999, p. 61-62, adaptado)

III – PARTE – Boas práticas didáticas e alertas da comunicação não verbal

3.1 – A voz

“O homem ou a mulher que é capaz de mudar o tom de voz é capaz de conseguir tudo.”
(Lawson, 1990, citado em Davies, 1992, p. 234)

“Comparou bem um entendido as pessoas com os sinos, que pela voz se conhece se estão sãos ou quebrados.”
(Melo, citado em Malpique (s.d.), p. 44)

Aforismo: *“10% dos conflitos são causados por diferenças de opinião... 90%... por tom de voz errado...”*

A voz é um bem precioso que a pessoa deve aprender a usar e a cuidar. Só quando a perdemos, por qualquer motivo, é que lhe damos o devido valor. O Professor Pais de Clemente, especialista em otorrinolaringologia, do hospital de S. João, no Porto, operou às cordas vocais muitas pessoas, “atletas da voz”, como os designa, cantores, atores, advogados, professores, que vivem da voz. Poderíamos dizer que essa é hoje a qualidade de cerca de 70% da população portuguesa, a trabalhar no setor dos serviços, para a qual a língua, a fala e a comunicação se tornaram a ferramenta de trabalho quotidiano. Assim, a educação vocal merece o maior cuidado da parte de professores e alunos, pois é cada vez maior o número de uns e de outros que aparecem com a voz esforçada, nas nossas escolas.

A colocação da voz facilita a audição e a compreensão dos ouvintes, sendo uma ação gratificante e facilitadora da transmissão da mensagem pelo falante. Para isso, são condições indispensáveis: manter a cabeça erguida; pronunciar as palavras, abrindo bem a boca; emitir as consoantes de forma clara; falar devagar. A pausa, correspondendo ao intervalo entre as palavras no discurso oral e à pontuação no escrito, permite compreender o conteúdo ao ouvinte ou leitor e respirar a quem lê. Esta verdade levou à máxima: “Quem pontua bem, a ler ou comunicar, respira bem, pronuncia melhor e articula facilmente.” (Viana, s. d., p. 150)

Higiene da voz

Consiste em orientações básicas para a conservação da saúde vocal e a prevenção de alterações e doenças.

Há que evitar

Elementos perniciosos	Descrição
<i>Fumo</i>	Agride o sistema respiratório e as cordas vocais causando: irritação, pigarro, aumento de secreção e infeções.

<i>Elementos perniciosos</i>	<i>Descrição</i>
<i>Álcool</i>	Irrita o aparelho fonador, reduzindo a defesa do organismo.
<i>Drogas</i>	Têm ação negativa sobre a laringe e a voz.
<i>Alergias nas vias respiratórias</i>	Tendem a inchar as mucosas, impedindo a respiração e dificultando a vibração das cordas vocais.
<i>Pigarrear, competição sonora</i>	Provocam o atrito que irrita e machuca a parede da glote.
<i>Ar condicionado</i>	A pouca humidade agride a mucosa das cordas vocais.
<i>Alimentação</i>	Os alimentos pesados e muito condimentados dificultam a digestão e a movimentação do diafragma.
<i>Desporto</i>	Os desportos que exigem movimentos bruscos de braços, como ténis, peso, boxe, musculação...
<i>Vestuário</i>	Roupas pesadas e apertadas, sobretudo na região da cintura e pescoço, dificultam a respiração e fonação por causarem tensão muscular nas regiões do pescoço, costas, ombros e tórax.

(Sanine, 2014, adaptado)

Linhas vermelhas – a considerar

- Falar muito, cochichar ou sussurrar.
- Gritar.
- Imitar sons, vozes e ruídos.
- Ansiedade ou “stresse”.
- Gargarejar com uísque ou similares.
- Usar “sprays” ou chupar pastilhas para limpar a voz e a garganta.
- Tomar mel com limão e similares.
- Mascar chicletes.

Bons hábitos

- Hidratar com água as cordas vocais enquanto se fala.
- Consumir água e alimentos leves.
- Frutas e sucos cítricos, como maçã e limão agem como constringentes.
- Realizar 10 minutos de aquecimento e relaxamento antes de comunicar: com atividades que aumentam o fluxo sanguíneo na laringe – (i) pela respiração costo-diafragmática (respiração normal, barriga para dentro, peito para fora, e costelas afastadas); (ii) com bochechas de trompetista, soprar lentamente, de forma contínua; (iii) rodar a cabeça como que dizendo “não”, incliná-la para cima e para baixo e incliná-la para a direita e para a esquerda; (iv) fazer vibração labial com ou sem escala; (v) bocejar com som, indo do agudo ao grave; (vi) fazer sons nasais, com “hummm” ou “nhe-nhe-nhe”, com ou sem escalas. (Feitosa, s.d.)
- Permanecer em silêncio total durante pelo menos 5 minutos, após a atividade.

A educação da voz

A respiração

Praticar a respiração profunda quando deitado: expulsar todo o ar dos pulmões; inspirar lentamente pelas narinas, até enchê-los; segurar a respiração por um momento e depois expirar procurando sibilar em s.

O tom da voz

“A respiração correta é a base da pronúncia; o relaxamento da garganta, da língua, dos lábios e das mandíbulas é outro fator de boa pronúncia; uma larga abertura do alto da garganta é outro fator essencial, o que se consegue pela imitação de um bocejo; uma boa voz é cheia, clara, ressoante [sic].

Os principais obstáculos à obtenção de um bom tom da voz são: o murmúrio, os lábios preguiçosos, a língua emperrada e a dureza de lábios, língua e mandíbulas duras. Exercício: Inspirar corretamente; expirar lentamente, produzindo o som ch-h-h.; inspirar novamente e expirar como se produzisse um zumbido hum-m-m-m.

Inspirar novamente e expirar pronunciando cadenciadamente há-há-há-há, com espaços de um segundo; inspirar mais uma vez e expirar, procurando pronunciar as vogais: a, e, i, o, u. Fazer isso lentamente.” (Victor, s.d., pp. 104-105)

Seguidamente, praticar exercícios de consoantes e vogais. Por exemplo: baa, bee, bii, boo, buu, paa, pee, pii, poo, puu, etc. – exercícios, particularmente, recomendados para quem tem lábios preguiçosos; praticar com todas as consoantes.

Para obter uma boa ressonância, inspirar corretamente e dizer: mim, mam, mum sim, sam, sum fim, fam, fum; usar outras consoantes.

Ao falar, inspiramos rapidamente pela boca, durante as pausas do pensamento. Para os exercícios de respiração com o fim de purificar o sangue, de descanso, inspirar calmamente através das narinas; procurar economizar a respiração quando falamos; usar a respiração apenas necessária para o volume de voz exigido nas circunstâncias.

A boa articulação

Pronunciar as palavras corretamente; a última sílaba deve ser particularmente bem pronunciada; assegurar a boa acentuação. Ouvir a declamação de bons declamadores de poemas, em língua portuguesa.

A boa expressão das emoções

A leitura de poemas, em voz alta, é um bom exercício para conseguir exprimir bem as emoções. Exercitar-se em poemas sobre alegria, tristeza, desespero, simpatia, etc.; exercitar-se sobre poemas de amor para as emoções ternas.

(Victor, s.d., pp. 104-106, adaptado)

Cuidados a ter com a voz...

“Um profissional da voz é um atleta vocal” - o médico e professor Pais de Clemente – diretor do serviço de otorrino, no hospital de S. João do Porto, no I Congresso Mundial da Voz (Porto, [dias] 9 e seguintes, abril 1995)

“R. — [...] E a doença na voz é muito frequente. Um profissional da voz está sujeito a problemas recentes: o ‘stress’ profissional e a poluição estão na primeira linha; depois há doenças respiratórias, acidentes... Cerca de 20 a 30 por cento [dos profissionais da voz] têm problemas na voz durante a sua carreira profissional.

P. — Qual é a categoria profissional mais afectada?
 R. — São os professores. [...]
 P. — Quais são as preocupações fundamentais na prevenção dos problemas da voz?
 R. — Um dos aspectos muito importantes é a *higiene vocal* [s.n]. E a voz tem de ser bem colocada, bem projectada e bem timbrada. Por outro lado, um profissional da voz não deve fumar em exagero. Outros cuidados: pessoa que fale por dia 6, 7, 8 horas deve beber muita água, para uma hidratação suficiente. E haver uma preparação física adequada. Não há consciência a nível nacional de que um profissional da voz é um *atleta vocal* [s.n]. Da mesma forma que um desportista antes de entrar no estádio tem de fazer uma boa preparação física para correr, um professor ou um actor deve fazer uma ginástica vocal de forma a preparar-se tecnicamente para desempenhar o seu papel correctamente. É um erro grave iniciar uma lição sem previamente ter feito duas coisas: o aquecimento vocal durante dois ou três minutos, com a boca fechada, e uma boa hidratação.”

(Clemente, 1995, abril, 9, p. 28)

3.2. O silêncio e a interrogação oral pedagógica

O silêncio é condição e disciplina(ção) da aula: para refletir, comunicar e conseguir um autodomínio físico, mental e espiritual, sendo indispensável no caso da interrogação. Sendo a pergunta a face visível da curiosidade e esta o motor do conhecimento e da aprendizagem, como referem Paulo Freire e António Faundes (1998), ambas têm o silêncio como o ar em que se respira. É indispensável levar os alunos a apreciarem o silêncio e a descobrirem as vivências que ele lhes proporciona.

A) A interrogação oral pedagógica

1 - A um aluno – para obter <i>informação pessoal</i> : opinião, pensamento, sentimento, ponto de vista			
Conseguir obter fazer SILÊNCIO da turma e DIVULGAR A ATIVIDADE 1	Nomear indigitar indicar o ALUNO 2	Perguntar inquirir apontar tarefa 3	Ouvir resposta ... em SILÊNCIO INDIVIDUAL da turma 4
- Prestem atenção! - Neste momento, cada um de vocês vai partilhar com a turma o que fez no feriado nacional de ontem.	X...	[Pergunta:] ... gostávamos de saber o que fizeste durante o feriado de ontem. [Ou] - diz-nos o que fizeste ontem.	[Resposta:] - Ontem fui ao interior, visitar os meus avós.
A comunicação segue o sentido: <i>Professor => Aluno (2+3); Aluno => Turma (4).</i>			

2 - À turma - para obter <i>conhecimento comum e partilhado</i> : da leitura, do estudo feito, do TPC...				
Conseguir obter fazer SILÊNCIO da turma e DIVULGAR A ATIVIDADE 1	Perguntar inquirir apontar tarefa à TURMA 2	Nomear indigitar indicar o ALUNO 3	Ouvir resposta INDIVIDUAL 4	... em SILÊNCIO da turma
- (Façam) Silêncio, por favor! [ou] - Ouçam, por favor! É importante conhecermos o assunto / tema do texto!	De que trata o texto? [ou] Qual é o assunto do texto?	X, diz lá? [ou] X...?	X – O texto trata da pesca na Ilha da Madeira.	
A comunicação segue o sentido: Professor => Turma => Aluno (2+3); Aluno => Turma (4).				

Nota: 1. Esta interrogação oral deve ser feita com o professor à frente e ao meio, junto do quadro, para ser bem visto e ouvido pelos alunos.

2. Não FAZER PERGUNTAS, tendo os alunos apenas de completar uma expressão ou palavra: -"Aqui temos uma equação de segundo...? (grau); O verbo da oração é transi ...? (tivo)". (Grisi, 1988, p. 42)

B) A Leitura *silenciosa* e elementos do seu questionário

1. Valorização da leitura *silenciosa*

Quando colocada após a leitura docente expressiva, *perde interesse* e desvaloriza-se. O seu fim é “colher informações sobre pessoas, factos ou coisas que nos interessam” (Thorndike-Mc Call, s.d.. In Gonçalves, G., s. d., p. 296). Em especial nas classes adiantadas, o *seu lugar* é antes de qualquer explicação ou leitura docente. *Ganha maior estímulo*, ainda, quando precedida de “um *questionário escrito* no quadro cujas respostas se encontram no texto a ler *silenciosamente*”. (Gonçalves, s.d., p. 186-187, 76-84)

Percurso I

1. Apresentação e leitura de um *questionário* cujas respostas se encontram no texto, a ler em *silêncio*.
2. *Leitura silenciosa* por professor e alunos.
3. *Respostas* ao questionário, *apresentadas e completadas* por perguntas (oralmente).
4. *Leitura docente, parcelar* – sendo acompanhada por *interpretação*: semântica, lógica, ortográfica de cada parágrafo.
5. *Leitura docente modelo*, se se julgar útil.
6. *Leitura discente parcelar e expressiva*.
7. *Comentário*, relação ao mundo (Freire & Faundes, 1998) e *síntese*.

Percurso II

1. *Havendo ilustrações* (no manual ou levadas pelo professor), *observação* das mesmas, seguida de *conversação* a partir delas; *não havendo ilustrações*, *conversa* sobre o assunto, sugerido pelo título.

2. *Leitura silenciosa* por professor e alunos, seguida de *conversação* sobre o *conteúdo*, para verificar se o mesmo foi compreendido.
3.
 - a) *Leitura explicativa* docente, *pausada* e em *voz natural*, com *explicação* e *interrogação* sobre o sentido das expressões e das palavras de *compreensão menos acessível*, ou
 - b) *Interpretação geral* do que foi lido, através de respostas ao *questionário*, complementada por perguntas orais ou *conversação*.
4. *Leitura modelo expressiva* e sem interrupções.
5. *Leitura parcelar*, por vários alunos, começando pelos que leem melhor; as correções serão feitas. Sobre- tudo, no final da leitura, levando os alunos a repetirem as expressões e palavras mal lidas.
6. *Resumo* oral do texto, pelos alunos, e *questões* sobre o sentido global e parcelar do mesmo; dramatização (ou *leitura dramatizada*, se o texto o permitir). Levantamento de um conceito extraído do conteúdo do texto, a ser escrito no quadro e nos cadernos.
7. *Exercícios* no quadro ou numa *ficha*, de gramática aplicada, de vocabulário ou de estilística, *partindo de exemplos* e não de definições.

Nota: A leitura docente não deve ser feita em deslocação na sala, antes, com o professor à frente, junto do quadro.

C) Fontes das perguntas para o questionário:

1. *Autor* – época, família ou corrente literária, géneros cultivados, figura histórica;
2. *O texto* – natureza (formas ou géneros naturais da literatura: lírico, narrativo e dramático), título, subtítulos e indicação de leitura, tema / assunto², sequências temáticas³, partes do texto, visão global do conteúdo / mensagem;
3. *Análise de conteúdo* – sequências textuais, divisão em partes e desenho da mensagem, contexto ou mundo e texto;
4. *Estrutura formal* – poesia – versos, sílabas, estrofes, rimas; ou prosa – aspetos do género textual observáveis.

² *Tema* e *assunto* não são verdadeiramente palavras sinónimas, como esclarecia o Professor José Neves Henriques:

1. *Tema* provém do latim "*thema*", proposição, argumento, matéria, tese. E este provém do grego "*théma*", aquilo que se propõe; tema de desenvolvimento oratório; ideia que se desenvolve.

O *tema* significa, pois, a ideia central duma obra literária, como por exemplo o amor, a saudade, etc.

Como sabemos, o *tema* pode-se referir a *oratória*. Neste caso, designa o tópico central em torno do qual o discurso está organizado.

Pode-se referir à prosa de ficção. Neste caso, designa a ideia principal e/ou secundária que se pode abstrair dum conto, duma novela ou dum romance.

2. *Assunto* provém do latim "*assumptu(m)*", participio passado do verbo "*assumere*", tomar, receber para si; juntar, aplicar; praticar.

O *assunto* é a sequência de acontecimentos «que vive em tradição própria, alheia à obra literária e vai influenciar o conteúdo dela», como diz Wolfgang Kayser em «Análise e Interpretação da Obra Literária». (José Neves Henriques, in <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/identificacao-do-tema-eou-assunto/4239>)

O assunto é amplo, global, e envolve diferentes temas. Já o tema é justamente um recorte de determinado assunto, uma perspetiva sobre ele. (<https://www.escreveronline.com.br/a-diferenca-entre-tema-e-assunto>)

³ *Sequências textuais* – “são unidades linguístico-textuais básicas dos géneros ou tipos textuais, constituindo a estrutura composicional de um género por nele serem dominantes, podendo ser narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas, injuntivas (prescritivas) e dialogais, por isso, mais estáveis e menos suscetíveis a alterações por influência de fatores sociais. As *sequências textuais* vão sendo adquiridas pelo contato constante que os ouvintes, leitores ou es- crevintes têm com os textos, e tornando-se esquemas memorizados.” (Bezerra, s.d.).

3.3. O vestuário

O vestuário, espécie de extensão do próprio corpo, revela muito do indivíduo ou da comunidade em que se insere.

5. Um caso de linguagem não verbal numa escola – *variações de comunicação / leitura: ausência de codificação?*

Para reflexão:

“Vestuário afasta professor da vigilância de exame

A notícia do *Público* de 27 de Junho [2000] fez-me pensar [...]. Apesar de nada estar legislado/regulamentado relativamente ao modo como o professor se deve apresentar nas salas de aula ou exame, o certo é que docentes há que foram alvo de relatório e outros substituídos na vigilância a exames por não se encontrarem ‘devidamente trajados’. Falta é clarificar o que esta expressão quer dizer.” (Maria de Lurdes Costa, *Público*, 05.07.2000, p.8).

“O artigo ‘Vestuário afasta professor da vigilância de exame’ leva-me a escrever-vos porque esta não é uma situação pontual [...]. Prova disso é a carta que me foi dirigida no ano transacto, pelo órgão de uma escola do Centro do país, assinada pelo engenheiro seu presidente na qual refere ‘a inconveniência do uso de calções de desporto na sala de professores’ (convém explicar que, nesse momento, estava calmamente a tomar o meu pequeno-almoço vindo directamente do pavilhão da escola), mas não explica porquê. Mais me informa: ‘não deverá voltar a apresentar-se ao serviço vestindo calções de desporto, de praia (!!!??) ou de banho.’

Sendo professor de Educação Física fiquei obviamente confuso.” (Filipe Rodrigues, “Vestuário afasta professor de vigilância de exames”, *Público*, 06.07.2000, p. 11.)

Sobre o assunto, permito-me recorrer a breves passagens do que já escrevi noutra local (Rei, 2013, pp. 45-47):

“Em geral procuramos no vestuário uma impressão positiva. De facto, ele aumenta a confiança em si próprio, dá credibilidade e eleva a autoestima. Nas instituições, é um elemento da imagem institucional, a construir e enviar para o interior e o exterior. Por isso não pode ficar à mercê de gostos, pretensões ou até da imagem individual de cada um. Faz parecer mais ou menos importante e maior ou menor qualquer pessoa, pondo em relevo determinadas partes do corpo. As cores vivas e quentes “avançam” para quem olha e destacam quem as usa no grupo ou na multidão.

Em termos comunicacionais, a ostentação e a extravagância no modo de vestir são de evitar, mas o investimento na aparência não pode ser descurado [Gonzalez, 1991, pp. 46-47]. A norma é adquirir o melhor e o mais adequado ao seu estilo de vida, procurando uma forma pessoal de apresentação. Nos eventos sociais devemos apresentar-nos de acordo com a ocasião, para o que, se necessário, devemos pedir informação sobre o traje. Estar informado implica também conhecer os meios e os ambientes sociais a frequentar.

Uma exposição, uma conferência ou uma aula podem não ser a altura certa para alterar a sua forma habitual de vestir, pelo embaraço suplementar que pode causar essa alteração do modo

como se vê e sente [Simonet, 1991, p. 66]. Mais, a observação na peça de vestuário de um elemento desagradável (defeito, imperfeição) pode paralisar a sua atenção, desviar a sua energia e perturbá-lo. O importante é sentir-se à vontade e evitar tudo o que bloqueie: peças de roupa apertadas, temperatura ambiente desconfortável, correntes de ar. O alerta é: não improvisar nesse dia, em matéria de vestuário, e não criar problemas inutilmente.

Entre os gregos e os romanos, o vestuário deixava completamente livres os movimentos do orador, os gestos e o jogo da respiração. É possível que o exagero nos gestos decorresse precisamente dessa extrema liberdade deixada pelo modo de vestir. Os hábitos mudaram e hoje os usos são de roupa apertada, cintos, calças e meias, a maior parte das vezes em ambientes interiores e sobreaquecidos. Todavia é de manter o princípio de roupa leve e larga, tentando conciliar o fato de cerimónia, que veicula respeito, com a simplicidade da apresentação pessoal, que permite falar mais simplesmente.

O vestuário é um espaço de comunicação global entre nós, os outros e o mundo [Pierson, 1995, p. 103], a três níveis:

- a) Para o interlocutor, é um poderoso veículo de informação – classe social, estilo de vida, emprego, posto hierárquico, grupo;
- b) Para o próprio, é um indutor psicológico – cores, conforto, boa apresentação, corte e acessórios interferem com o comportamento e o estado de espírito, conduzindo-o ao bem-estar;
- c) É, ainda, um forte elemento de identidade pessoal e de distinção social.“

(Rei, 2013, pp. 45-47)

3.4. Perguntas e gestos da interação na aula

Em diálogo com Paulo Freire, António Faundez (1998), em *Pedagogia da Pergunta*, sublinha que “todo o conhecimento começa pela pergunta, aquilo que você chama curiosidade.” E vai mais longe ao constatar: “Tenho a impressão de que hoje o ensino é resposta e não pergunta.” E Freire corrobora “o que o professor deveria ensinar era ensinar a perguntar. Porque o início do conhecimento é perguntar. Somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas.” E Faundez justifica, é que “*estabelecer as respostas antes, todo o saber fica nisso, já está dado, é um absoluto, não há lugar à curiosidade* [s.n.].” (p. 24)

Acompanhados por perguntas adequadas, os elementos mencionados constituem a batuta com a qual o professor guia os alunos nos diferentes momentos da aula e na busca do conhecimento de que necessitam.

Perguntas e estratégias de resposta

<i>Tipos e suas caracterizações</i>			
<i>Fechadas</i>	<i>Abertas</i>	<i>Direcionadas</i>	<i>Alternativas</i>
De resposta curta, em geral, “sim” ou “não”: verificam e confirmam detalhes; o seu abuso cansa como se fosse interrogatório.	Visam informação, iniciam um assunto e esclarecem uma posição; todavia conduzem a respostas confusas.	A resposta é sugerida; confirmam informação e exigem delicadeza, evitando o aluno sentir-se apanhado.	São de resposta fechada e induzida, entre duas possibilidades; ajudam os interlocutores indecisos.

(Bayart-Vanhille, 1993, p. 28-30, adaptado)

Nota: Conhecer os tipos de perguntas e saber usar cada uma delas, de acordo com o desenvolvimento do aluno, a dificuldade das matérias e os objetivos da aula, isso permite: (i) ao aluno, realizar uma aprendizagem progressiva; e (ii) ao professor, criar um ambiente vivo e atraente. Cada tipo de pergunta induz uma certa resposta.

As perguntas do professor: classificação cognitiva – cinco tipos

<i>Tipos</i>	<i>Natureza</i>	<i>Aplicação</i>	
1. Perguntas de <i>memória</i>	<i>fechadas</i> são de baixo nível cognitivo	factos, fórmulas, reconhecimento de informações.	
2. Perguntas de <i>pensamento convergente</i>		integração e análise de informações, expressa em tradução, explicação e associação em resposta esperada.	
3. Perguntas de <i>pensamento divergente</i>	<i>abertas</i> são de elevado nível cognitivo	liberdade na contribuição e em novo tópico: indo do levantamento de hipóteses à inferência.	Nota: Estes dois tipos de perguntas são de <i>relevância elevada</i> – há que habituar os alunos a elas e ao <i>autoquestionamento</i> que é facilitador da própria <i>autonomia</i> das respostas.
4. Perguntas de <i>pensamento avaliativo</i>		implicam valores, justificações e defesa de determinadas posições, levando a opiniões.	
5. Perguntas de <i>rotina</i>	<i>são facilitadoras</i> do trabalho na aula	verificam a compreensão.	

(Jesus, 1987, p. 52-53, adaptado)

Nota: Os tipos de perguntas do professor apelam a níveis de conhecimento diferentes nas respostas, comprometem de forma diferente os respondentes e desempenham funções específicas na aula. A sabedoria e a experiência docentes é que o conduzirão na escolha do tipo de perguntas adequadas ao aluno, ao momento, à situação e ao conteúdo da aula.

As perguntas do aluno: classificação cognitiva – tipos e finalidades

- 1 – *Reforçar* a pergunta do professor, repetindo a parte final.
 - 2 – *Pedir* confirmação ou ajuda.
 - 3 – *Confirmar* partes de informação.
 - 4 – *Pedir* informação.
 - 5 – *Pedir* clarificação.
 - 6 – *Pedir* orientação para resolver um problema.
 - 7 – *Pedir* orientação para fazer inferências ou levantar hipóteses.
 - 8 – *Pedir* orientação na condução de experiências.
 - 9 – *Perguntar* por rotina e a propósito da organização da sala de aula.
- ⇒ Os complementos dos verbos *revelam empenho e atividade*: => são todos válidos.

(Pedrosa de Jesus, 1987. In Abranches, 2005, pp. 52-53)

Nota: As perguntas dos alunos são ricas de informação para o professor atento (Jesus, 1987). Nelas este descobrirá necessidades que, muitas vezes, estão para além do seu conteúdo: dizem mais do que expressam, quer dizer, a sua função está para além do seu significado imediato.

Os gestos, como vimos, são de grande riqueza comunicacional pela quantidade de informações que veiculam, consciente ou inconscientemente, desempenhando várias funções.

Funções dos gestos

<i>Função</i>	<i>Finalidade</i>
<i>Substituir quaisquer palavras ou até frases inteiras</i>	para alguém se calar, para sair de uma sala...
<i>Completar uma frase que fique por concluir</i>	quando se pede segredo ou se ameaça...
<i>Dar força a uma frase</i>	torna a palavra invencível, na expressão de alguns autores.
<i>Acentuar uma frase ou expressão</i>	sublinha, por exemplo, antíteses ou gradações, tanto crescentes como decrescentes.
<i>Indicar dimensões e distâncias</i>	grandeza, pequenez, lonjura...
<i>Indicar o movimento</i>	vertical, horizontal, pendular, rápido, lento...
<i>Exprimir os mais diversos sentimentos</i>	ameaça, repulsa, chamamento, espanto, indiferença...

(Rei, 2013, p. 48)

Características dos gestos

<i>Naturalidade</i>	gestos flexíveis e maleáveis sem qualquer constrangimento, recorrendo também ao braço esquerdo.
<i>Sobriedade</i>	diferentes de acanhamento ou medo: não ir além nem ficar aquém da ideia, do sentimento ou do facto.
<i>Harmonia</i>	perfeita coordenação entre a palavra, a atitude, a fisionomia e o gesto.
<i>Variedade</i>	a repetição leva à monotonia e os gestos serão diferentes conforme se pergunta, descreve e evoca ou se ameaça, suplica e chama.
<i>Calma</i>	o nervosismo e a atrapalhão denunciam falta de concentração e rigor, estendendo-se o controlo dos impulsos da fala à gesticulação.

(Rei, 2013, pp. 48-49)

O gesto é uma necessidade fisiológica, colocada ao serviço da arte de comunicar. A regra é adequar os gestos à natureza das coisas ditas, aos sentimentos que o comunicador exprime e que quer partilhar com a assembleia (Doriac et Dujarric, 1990, p. 59-61). O meio de expressão não pode estar em desacordo com aquilo que ele traduz.

Para concluir

A comunicação não verbal tem andado ainda mais descurada do que a comunicação em geral e a oralidade em particular, na qual se insere, sendo, por vezes, mais eloquente do que qualquer outra forma de comunicação. Registe-se que é o tipo de comunicação pela qual iniciamos e terminamos a nossa socialização e a ela recorremos em situações-limite da existência – na dor e na alegria, no fracasso e na vitória. Por outro lado, ela permanece disponível e surge sempre, subliminarmente, na comunicação quotidiana, formal e informal, com as funções que dela observamos, substitutiva, redutora, redundante e até contraditória.

BIBLIOGRAFIA

- Abranches, Maria Manuel Cravo Branco Prata (2005), *Desenvolvimento da reflexividade no contexto do discurso supervisoivo*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.
- Almeida, P. (2023). Não se pode ir à aula de pijama? Escolas criam regras de etiqueta mas há quem esteja contra. *Sol*, 8.2.2023.
<https://sol.sapo.pt/artigo/723958/nao-se-pode-ir-a-aula-de-pijama-escolas-criam-regras-de-etiqueta-mas-ha-quem-esteja-contr>
- Aristóteles (2005). *Retórica*. CFUL/INCM.
- Bayart-Vanhille, Ch. (1993). *Acolhimento nas empresas e na administração pública*. Europa-América.
- Bezerra, M. A. (s.d). Sequências textuais. *Glossário Ceale*.
<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/sequencias-textuais>
- Bourdieu, P. (1980). *Le sens pratique*. Minuit.
- Cáceres, M. D. (2003). *Introducción a la comunicación interpersonal*. Edit. Síntesis.
- Clemente, P. de (1995). “Atletas vocais”. Entrevista. *Público*, n.º 1857, p. 28.
- Costa, M. L. (2000). “Vestuário afasta professor da vigilância de exames”. In *Público*, n.º 3762. p. 8.
- Damião, A. F. (2023). A poderosa mensagem por trás do look de Janja da Silva. *Atual - Máxima* 1.1.2023. In [A poderosa mensagem por trás do look de Janja da Silva - Atual - Máxima \(maxima.pt\) \(Em 8. 10. 20239\)](#).
- Davies, P. (1992). *Como desenvolver o seu status, tanto profissional como pessoalmente*. Edições CETOP.
- Doriac, A. & Dujarric, G. (1990). *Toasts, allocutions et discours modèles*. Albin Michel.
- Andrade, E. (2002). *Gestos de cortesia, etiqueta e protocolo*. Texto Editora.
- Feitosa, M. (2023). Aquecimento vocal: dicas de como fazer corretamente. *Cursos de canto*.
<https://cursosdecanto.com.br/aquecimento-vocal/>
- Freire, P. (1998). *A importância do ato de ler. A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. Autores Associados.
- Freire, P. & Faundez, A. (1998). *Pedagogia da pergunta*. Editora Paz e Terra.
- Gonçalves, G. (s.d.). *Didática da língua nacional*. Porto Editora.
- Gonzalez, M. (1991). *Como se tornar um líder*. SI Ediouro.
- Grisi, R. (1988). *Didática mínima*. C. Editora Nacional.
- Hall, Edward (1971). *La dimension cachée*. Seuil.
- Hall, Edward (1972). *La dimension oculta*. Siglo XXI.
- Henriques, J. N. (1999, outubro, 29). Identificação do tema e/ou assunto. Ciberdúvidas.
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/identificacao-do-tema-eou-assunto/4239>
- Hespanha, A. M. (1986). Centro e Periferia nas Estruturas Administrativas do Antigo Regime. *LER. História*, n.º 8.
- Knapp, M. L. (1992). *La comunicación no verbal. El Cuerpo y el entorno*. Paidós Comunicación.

- Lehnisch, J.-P. (2003). *La communication dans l'entreprise*. PUF.
- Malpique, C. (s.d.). *A arte de conversar*. Editora Educação Nacional.
- Martin, J.-C. (1999). *Le guide de la communication*. Marabout.
- Pedrosa de Jesus, H. (1987). *A Descriptive Study of some Science Teachers Questioning Practices*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Universidade de East Anglia.
- Pierson, M.-L. (1995). *Como conseguir uma boa imagem pessoal*. Europa-América.
- Plutarco (1979). *Vidas paralelas*. 4 vols. Editorial Ibéria.
- Rei, J. E. (2013). *Faça-se ouvir. Domine o discurso em qualquer situação*. Porto Editora.
- Ribeiro, L. (1998). *Comunicação global*. Editora Pergaminho.
- Rodrigues, F. (2000) "Vestuário afasta professor da vigilância de exames". In *Público*, n.º 3763, p. 11.
- Sanine, P. (2014). *Guia: Cuidando da Voz. Professores* (brochura policopiada).
- Simonet, R. (1992). *Como falar em público*. Edições CETOP.
- Thorndike-Mc Call (s.d.). In Gonçalves, G. (s.d.). *Didáctica da língua nacional*. Porto: Porto Editora.
- Viana, M. G. (s.d.). *A arte de falar em público*. Editorial Domingos Barreira.
- Victor, L. (s.d.). *O poder oculto da sua personalidade*. SI Ediouro.
- Zurara, G. E. (2018). *Crónica da Guiné*. In *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*. Vol. 4. Primeiros relatos de viagens e descobrimento. Alexandra Pelúcia, João Paulo Oliveira e Costa. Círculo de Leitores.